

OS DIABOS DA ALMA DE UM PROFESSOR: UM CONTO AUTOBIOGRÁFICO

Adelino Pereira dos Santos¹

Sei que esta história não pode ser só minha. Há tantos sobreviventes por aí, perambulando nas ruas e guetos de grandes e pequenas cidades. Mas este texto precisava ser escrito. Os episódios aqui narrados ainda me assustam. Travestem-se de fantasmas e assombram a minha autoestima. Escrevi este conto a fim de exorcizar, com tinta e papel, os diabos de minha alma.

1. O MENINO SONHADOR

Fazia frio, muito frio naquela manhã de quarta-feira. Chovia forte há pelo menos três dias. Quando o menino acordou, sua mãe já tinha saído. O menino sabia que ela tinha ido para o mangue, apesar da chuva, porque não viu o balde e nem o cesto. O facão também não estava lá. Ela tinha que tomar uma providência, fazer alguma coisa. O irmãozinho mais novo também já tinha acordado. Nem chorava mais, não tinha força. Desde que as chuvas começaram ninguém naquela casa comia direito. O menino não entendia muito bem, mas desta vez durou muito. Lembrava-se vagamente de que o que tinham comido da última vez foi um pedaço de pão “massa de bolacha” e bebido chá de erva cidreira, morno, com açúcar. Ainda bem que dessa vez tinha açúcar. Quase sempre não tinha. A mãe nada comeu. Preferiu repartir o pão todo, um pedaço para cada filho. Ela sempre fazia isso. Só comia quando sobrava. O menino via que sua mãe comia uma vez por dia. Ela era grande. Gente grande era assim mesmo. Comia pouco ou quase nada.

O menino tentou puxar o pano para cobrir as pernas. Estava molhado. Por quê? Cheirou o pano: mijo não era. Mudou de lugar. Não deu certo. O pingo d’água caiu em sua testa. Passou a mão. Entendeu. A pingueira foi que molhou o pano. As costas do irmãozinho mais novo estavam ensopadas.

Aos poucos os outros também foram acordando. O menino pensou que já deveriam ser sete horas. Estavam lá: quatro meninos e uma menina. O menino mais velho tinha dez anos. O mais novinho acabara de nascer.

A menina pediu comida. Os outros queriam água. O que fazer? Descer dali não dava. Tinham que esperar a chuva passar. O menino esticou a cabeça. A cama estava na frente do armário. Cama? Eram assim que chamavam uma porta de madeira pesada e uma tábua comprida, sustentadas por quatro pedras, nas extremidades. Dormiam todos ali, na pequena sala. No quarto

¹ Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. Email: adesantos@uneb.br

só dormia a mãe, às vezes sozinha, às vezes com o menino mais novo. Ninguém mais cabia no cômodo apertado. Uma cama muita antiga, segurada por blocos enfileirados, um colchão velho de molas à mostra, sacos plásticos cobrindo os ferros das molas, muitos buracos.

De repente, opa! Um forte barulho. O menino assustado desceu. Caiu a última parede da cozinha. Precisava fazer alguma coisa. A água descia do quintal com muita força. Tudo passava agora por dentro de casa. Uma lata velha de leite Ninho rolava pela beirada da cama. Um rato morto era empurrado pela água. Garrafas de cerveja, sabugos de milho, um penico velho, de esmalte branco, tinha ficado preso em uma das pedras da cama. Os dois meninos maiores se esforçavam para pegá-lo, sem descer da tábua. O menino mais novo começou a chorar. A menina começou a chorar. O menino mais velho desceu, pôs os pés na água. O pé esquerdo enfiado da lama. Tinha que fazer alguma coisa. Não sabia bem o quê.

A época das chuvas era o período mais difícil na vida do menino. A mãe tinha muito medo de que o barraco de taipa, de escoras dos lados, sem porta de fundo, uma parede já caída e outra ameaçando cair, terminasse por matar a todos. Uma tragédia anunciada. O menino tinha muitos medos. Nenhum se comparava, contudo, com o medo de boi. Pois não tinha que ser? Pois não foi um boi que derrubou a parede do fundo, naquele fuá de duas sextas-feiras atrás? Não foi um boi que entrou pela cozinha e saiu pela porta da sala e derrubou a porta, que agora é a cama que dormem? Não foi um boi que botou a cara pelo lençol que ficou no lugar da porta, bufou forte, berrou e assustou o menino, de olhos arregalados, verde e se urinando de terror? Não foi o boi também que deu carreira no menino e na sua irmã mais velha, quando faziam cocô no fundo da casa, lá no alto, por que a casa ficava no pé de uma ladeira, o fundo virado para cima? Não era assim toda sexta-feira, assim também na madrugada do sábado, hora da matança, quando os bois fugiam do matadouro, que ficava a poucos metros da casa? E boi não chifrava? E boi não pegava? Os bois eram o inferno.

Outro medo que também aterrorizava o menino era o medo de cobra. Esse não tinha motivo aparente, a não ser o fato de que a mãe do menino também o tinha. E muito! Mas o menino se lembrava do dia que ele foi, com a sua mãe, lavar roupa no riacho, ao fim da rua. O regaço ficava em uma área com muito mato, partes secas e partes alagadas, que os moradores costumavam chamar de “valge”. Era uma vargem ou várzea, de fato, modificada pela sonoridade popular dos moradores. Enfim, lavadas as roupas, a mãe do menino fez a trouxa com as roupas molhadas, colocou-a na cabeça do menino e o mandou para casa. Ela ficaria por lá, iria arrancar aipins e colher hortelã. A mãe do menino de vez em quando fazia horta no lugar. No caminho de volta para casa se deu o acontecido: o menino caminhava a passos lentos, trouxa pesada na cabeça. Magro, fraco, mal aguentava com seu próprio peso, de seis ou sete anos de

idade. Tropeçava, desviava-se das poças, com muito esforço pulava baixos arbustos. Num desses pulos, lá estava ela. Uma imensa cobra, de boca aberta.

Não era uma cobra. Era um monstro! Tudo o que o menino viu ou pôde se lembrar por muitos anos, em noites quentes, de corpo suado, em sonhos inquietos por sonhos apavorantes foi a cabeçorra da cobra. O menino podia jurar que era maior que a cabeça de um boi. E só se lembrava bem disso. O resto talvez tenha sido fantasia do menino. Das roupas não se teve notícia, pois o menino voou. Voou de ré, impulsionado pelo medo, coração fora da boca, olhos imensamente arregalados, mudo. Nada mais ficou na memória do menino. Esse fato, contudo, o assombraria por muitos anos, mesmo quando o menino virou homem. Mesmo quando o homem percebeu que a cobra monstro, seu pesadelo, era, quem sabe!, nada mais que uma sucuri. Esses medos foram bem reais e deixaram no menino e depois no homem sua marca bem delineada.

O pé esquerdo enfiado na lama, com o direito emburrou um pouco a tábua da cama, para não despencar, não sair do prumo da pedra. De repente, achou que deveria desviar a água e limpar a casa do barro que saía da parede de taipa caída na cozinha e ameaçava invadir também a sala. Mexeu-se, foi a um canto ao lado do armário e pegou a enxada que estava encostada. Saiu na chuva, fez uma vala, desviou a água, puxou o barro.

Quando a chuva passou já deveriam ser onze horas. Não que o sol tenha aparecido, mas o céu se iluminou um pouco, as nuvens negras já não pesavam. O vento frio ainda soprava. O menino sabia que cabia a ele toda a responsabilidade pela casa, cuidar dos irmãos, limpar o mais novo. Procurou o machado, lascou a tábua solta da cama. Juntou os blocos do fogão na cozinha aberta. O chão molhado não deixou o fogo pegar. Acendeu um plástico, pingou fogo na lenha, apertou a trempe. Soprou. O fogo acendeu. Olhou no armário. Só tinha sal, um frasco com azeite de dendê, meia cebola, um pedaço de pimentão. Saiu. Voltou com um pote de margarina com farinha de mandioca e um saquinho cheio de açúcar. Pediu-os emprestados na casa da vizinha. Pôs parte da farinha em uma panela, um pouco de açúcar, água. Soprou de novo o fogo, pôs a panela na trempe e com uma colher de pau começou a mexer. Quando o mingau estava pronto, esfriou o prato e deu a comida para o menino mais novo. Os outros dividiram o mingau e lambeiram a panela. Garantiram a primeira refeição do dia.

Mais tarde, o menino saiu de novo. Foi para trás do matadouro. Atravessou o rego por onde escorria o sangue dos bois. Afugentou um bando de urubus que disputavam carniça, peles podres que se amontoavam no fundo da salgadeira. O mau cheiro forte entrou pelo nariz do menino. À frente, justamente onde jogavam o estrume retirado do estômago dos bois, o menino avistou as folhas verdes, frondosas e brilhantes das taiobeiras. O menino colheu muitas folhas de taioba. Levou para casa. Tirou os talos. Lavou as folhas. Juntou as pontas, picou-as miúdo e as

pôs numa panela com um pouco d'água. Acrescentou a metade da cebola, o pedaço de pimentão também picado, pôs na mistura três grandes pitadas de sal. Levou a panela ao fogo. Quando as folhas cozinham o menino acrescentou o azeite de dendê. Retirou a panela do fogo e esperou esfriar. Pôs a moqueca nos pratos, jogou neles o resto da farinha de mandioca, deu-os para os irmãos e depois comeu. Garantiram, naquele dia, a segunda refeição.

No fim da tarde daquele dia as crianças brincavam na frente da casa. Ainda havia muita lama e poças d'água. O menino já tinha apanhado água na torneira da vizinha, enchido os baldes. Já tinha também dado banho nos irmãos menores. O menino mais novo, o bebê, brincava com uma bonequinha de pano, deitado em cima de um plástico grosso, na cama da sala. Um dos irmãos menores, de cinco anos de idade, avistou um vulto ao longe, na direção do matadouro e gritou, com alegria: mãe! Lá vem mãe! E fizeram festa. O vulto se aproximava, o menino confirmou que de fato era a sua mãe e correu ao seu encontro. Deu notícias do bebezinho e falou sobre a parede da cozinha, a que tinha caído. Ajudou a mãe a levar o balde. A mãe trazia o cesto na cabeça. Na cintura, o facão.

A mãe do menino era a encarnação do sofrimento. Cresceu sem os pais porque a avó do menino morrera no parto quando a mãe nasceu. O avô do menino morreu quando a mãe tinha 12 anos. Viveu aqui e ali, de favores na casa de parentes. Sofreu violências muitas, físicas e psicológicas, dores sem conta. Isso talvez explique porque ela era assim. Nervosa. Gritava e batia nas crianças sem motivo justificável. Xingava. Ainda adolescente teve os primeiros filhos, pais incertos. O irmão e a irmã mais velhos do menino já não moravam mais em casa. Tinham ganhado o mundo, foram construir sua própria história. Por isso o menino assumiu toda a responsabilidade pelos irmãos menores. A mãe engravidava muito, quase um filho por ano. Cada marido, um novo drama. Um novelão.

Naqueles dias a mãe do menino completara 39 anos. Uma velha. Poucos dentes podres na boca, o rosto magro, a pele cinzenta, a mente atrapalhada. O menino nem saberia dizer ao certo quanta surra tomou injustamente porque a mãe procurou e não achou o troco da venda. A mãe o tinha enfiado em um buraco qualquer da parede, esquecido. O menino não soube dar conta. Apanhou feio. Também não sabia onde estava o vestido amarelo de bola da irmãzinha mais nova e nem o pé de sandália do irmão do meio e nem a chupeta do bebezinho. Procurar não adiantava muito. O que encontrar, naquela desordem toda: garrafas de vidro, documentos, calças e panelas novas no mesmo guarda-roupa velho? Apanhava também por isso.

Mas uma dessas surras o menino nunca conseguiria esquecer: um dia, perto do natal, a mãe trouxe para dentro de casa dois pneus velhos e um pedaço de tábua. Pôs os objetos no canto da sala e avisou para não mexerem. Ela sempre fazia coisas como essas. Naquela casa não havia

lugar certo para nada. O menino tinha muita vergonha da casa onde morava. Como estavam próximos do natal, o menino resolveu arrumar a casa, quando a mãe saiu para o mangue. Sabia que não podia jogar fora os pneus e nem a tábua. Colocou os pneus um sobre o outro, a tábua por cima, cobriu-os com um lençol branco, no meio da sala. Foi ao fundo da casa e encheu com água um frasco vazio de café solúvel. Colocou nele galhos e flores de jasmim. Enfeitou a sala com a nova “mesa de centro”. Um belo vaso de flores. A mãe chegou à casa muito nervosa naquele dia. Pegou o menino pelo braço, procurou a batinha do facão e bateu muito no menino, dizendo que não era para jogar fora “as suas coisas” Quando o menino conseguiu falar, avisou que os pneus estavam sob o lençol e apontou para o meio da sala. Com um chute o vaso se quebrou, a água molhou o lençol e um dos pneus rolou em direção à porta. A mãe disse que o menino tinha mania de arrumação.

Apesar de tudo isso, as crianças pareciam amar muito aquela mãe. Por isso faziam festa quando ela voltava do trabalho. Ou seria pela comida que ela trazia? Ou seria porque também ela sabia ser cuidadosa, quando podia? Mãe zelosa, ao seu modo, porque nos filhos dela, “só ela batia”. Se saíam, quando voltavam para casa ela cheirava a boca de todos eles, e aí de quem cheirasse a álcool ou a cigarro. Ela odiava os vícios porque seu pai tinha morrido cedo, pelo álcool, e seu único irmão, mais velho, foi por muito tempo doente mental, enlouquecido pelo alcoolismo. E ela enfrentou tudo sozinha, ainda menina, antes mesmo dos doze anos de idade.

Naquela tarde, contudo, a mãe estava calma. Reagiu bem à notícia sobre a queda da parede da cozinha. Já esperava por isso. Em pouco tempo os sururus já estavam lavados e as ostras ferviam no mesmo balde de alumínio que vieram do mangue. A mãe falou que os aratus não eram para vender. Iam comê-los com farofa de azeite de dendê, quando o menino voltasse da venda. O menino conseguiu vender facilmente o sururu com casca. Dona Carmélia era uma freguesa certa. Comprava todo o sururu e ainda agradava o menino, às vezes com uma bala, às vezes com um pacotinho em canudo de amendoim torrado. Dona Carmélia era a heroína do início da rua. Vendia doces. Ela pagava o dinheiro todo. De ostras ela não gostava. O menino vendeu o meio quilo de ostra catada para a Dona Luzia, na casa da frente de Dona Carmélia. Essa nunca pagava à vista. Dessa vez também ficou devendo.

Quando saiu da casa de Dona Luzia o menino passou na venda de seu Antônio. Comprou, como sua mãe pediu, um quilo de farinha de mandioca, meia libra de sabão em pedra e meia libra de açúcar. Seu Antônio disse que o dinheiro não dava para a banana, mas mandou o pacote de bolachão e falou que esse ficaria na nota da mãe do menino. Na volta o menino passou na venda de seu Zé do Amparo, na ladeira do cemitério, mas não tinha querosene. O

menino comprou o gás na quitanda de Dona Guilhermina, que era mais caro, mas era também mais perto de casa.

Quase um ano depois daquela quarta-feira chuvosa nasceu mais um bebê naquele casebre. A situação financeira da família já não era boa. Tinha sido o menino que, a pedido da mãe, foi ao fundo do quintal de Dona Lourdes procurar por folhas de pega-pega. A mãe, em desespero, tomou chás abortivos. A infusão não deu certo. Foi o menino também que, às pressas, correu até a rua de cima para chamar por Dona Felícia para fazer o parto. Era sempre ele que chamava a parteira. Uma rotina. O bebezinho nasceu e o menino ficou preocupado. Mais um irmãozinho para tomar conta. Mais uma boca para comer. Três meses depois, contudo, caminhavam todos na direção do cemitério. O menino, choroso, segurava na alça do caixãozinho branco doado pela Prefeitura. O anjinho não resistiu. Morreu de desnutrição e dores na barriga... cocô verde, mole e muito malcheiroso. Uma tristeza.

Depois do enterro a mãe chamou o menino para conversar. Trabalhar no manguê não estava rendendo. Iria catar cravo e guaraná. O F. 4000 chegaria às quatro da manhã seguinte. Seguiria em pau-de-arara para o Sítio Bahia. O menino ficaria com os irmãos. À noite ela estaria em casa. O menino fez silêncio. Abaixou a cabeça e começou a chorar. A mãe perguntou o que ele estava sentindo, por que chorava. O menino contou que não queria trabalhar no manguê. Para roça também não tinha jeito. Queria estudar, ir à escola. Aprender a ler para trabalhar na cidade, como as filhas de Dona Lourdes. A mãe prometeu que o matricularia na escola no ano seguinte. Assim o fez. No início de 1982, com onze anos de idade, o menino estudou por alguns dias na escola João Antunes, na rua do Tamarineiro. Os irmãos ficavam em casa. A mãe ia trabalhar.

Contudo, a vida de bóia fria também não deu certo. Trabalho muito duro para aquela mulher fraca, mal-alimentada. A mãe resolveu então tirar o menino da escola. Foram morar na roça, no Sítio Bahia. Casa de colono. Ganhava pela diária. Colhia cravo da índia, guaraná e pimenta do reino. No fundo da casa a mãe plantava batata doce, quiabo e jiló. Fazia horta de cebolinha, coentro, hortelã, alface, para consumo da família. Aos sábados ia para a cidade, a pé ou na marinete de seu Querônio, comprar carne de sertão, feijão e açúcar na Sexta do Povo. Mas o menino queria estudar. Insistiu. Chorou. Disse à mãe que já sabia o que queria fazer da vida. Queria ser professor. Precisava voltar para a escola.

Naquelas paragens só havia uma única escola, longe alguns quilômetros do Sítio Bahia, do outro lado da mata de piaçaveiras. A escola funcionava pela manhã com turma multisseriada, paga pela Prefeitura. Contudo, naquele ano a matrícula já se encerrara e não havia nenhum outro aluno na primeira série. A professora não podia aceitar o menino. Foi então que a mãe pediu à

professora que matriculasse o menino assim mesmo, que ela pagaria à parte, no fim de cada mês. O menino estudou todo o resto do ano na escola Cosme e Damião, com aulas particulares. Às vezes a aula era na casa da professora, na frente da escola. O menino progrediu, aprendeu a ler e a contar. Tinha boa memória. Passou a ler tão bem quando os meninos da quarta série. Lia mais rápido que a irmã da professora, que também ajudava na classe. Todos sabiam que o menino era bom aluno, que iria ser professor um dia. O menino sonhava alto, a vida corria célere. Mais tarde, o menino escreveria um poema sobre sua primeira escola:

RECORDAÇÕES DE MINHA PRIMEIRA ESCOLA²:

Minha primeira escola era assim:
Da Pró Zenilda, Escola Cosme e Damião
Um casebre de taipa no meio do nada
Uma entrada, sem porta
Ventilada, pelos buracos!
Porque janela também não tinha.

Zona rural de Valença
Fazenda Sítio Bahia
Escola da roça
Professora leiga
Em classe multisseriada.

Andava muito até lá
Atravessava a mata
O ebó no meio da estrada:
Uma vela acesa, uma panela de barro
Um charuto, uma garrafa de cachaça e uma galinha

Ah, como eu tinha medo da feitiçaria!
Medo também da onça, que rosnavava, da cobra, que passava,
Da farta fome, pela comida escassa.
Mas o momento era mesmo mágico
O tempo não corria, voava:
Acordava na madrugada
Abria os olhos, pulava da cama, fazia o dever
Quase sempre o primeiro que chegava.

Tomava a lição: “Hoje tem tabuada” e “Vamos ler de cor”:

O Porquinho Rabicó e a Bruxa Malvada.

Mas a lição, deveras, de que mais gostava
Era a da Estrelinha, que à noite brilhava, brilhava:

² Escrevi este poema como epígrafe de minha tese de doutorado em Letras, defendida em maio de 2010.

“Lá em cima, no céu, tem uma Estrelinha
Que fica toda noite piscando, piscando:
Quando eu crescer e comprar um avião
Vou te buscar, Estrelinha, na palma da minha mão.”

Hoje já cresci
Sou professor também, por isso não pude ainda
Comprar um avião.
Mas já me brilha uma estrela, enorme!
Na vida, na alma e no coração!

2. O RAPAZ ATORMENTADO

Aquele menino magro, pernas esguias e barriga grande, cresceu. Mas foi um tormento a juventude do rapaz. Cansada e doente, aos quarenta e dois anos a mãe do menino não pôde mais trabalhar. Daquele ponto em diante toda a responsabilidade da família ficou para ele. Por isso mesmo, a vida na roça não durou muito. Voltaram para a cidade e o menino foi ter seu primeiro emprego fora de casa. Estudava na segunda série primária, contava então doze anos de idade. Passou a vender leite, litros às costas, de porta em porta.

Os anos correram, silenciosos e tristes. A fome foi sempre companheira frequente daquela família. Quantas vezes o rapaz foi para a escola sem ter o que comer? Quantas vezes adormeceu, na aula, desmaiado pela fome? Por quantos dias a merenda escolar foi o único alimento que ingeriu, semanas seguidas? Apesar disso, o rapaz ficou bem conhecido nas escolas onde estudava: era o rapaz pobre, maltrapilho, que morava no barraco esburacado da rua do matadouro, sem porta e sem parede no fundo, mas que só tirava a nota dez na escola. Ninguém podia entender aquilo. O rapaz fez de tudo para sobreviver e sustentar a família: fazia faxina, freguesas certas. Vendia doces na rua, nas festas de largo. Trabalhava de garçom e cozinheiro e até lavava roupa. Emprego formal nunca pudera ter, pois se recusara a estudar à noite. Tentou alguns anos, mas não deu certo. O rapaz queria ser professor e a escola noturna não ajudava.

Foi, de fato, uma juventude de muitos tormentos, sobretudo psicológicos. O que fazia o rapaz tremer, toda vez que tinha prova na escola? Que medo era aquele, aparentemente sem razão, que o fazia acordar suado, em pesadelos horrorosos? Por que sonhava com boi? Por que sonhava com cobra? A puberdade chegou, passou, mas deixou no rapaz também as suas marcas. Por que tanto conflito? Por que tanta dor no peito, nó na garganta, vergonha por nada? Por que tanta angústia? Teriam sido os medos e sustos da infância? Ou os abusos sexuais sofridos, pelos malandros da rua, ainda menino? Muito se teria a dizer sobre essa juventude atormentada. Tanta coisa o rapaz não queria lembrar, tanta coisa o rapaz não conseguia esquecer.

4. O POETA NATIMORTO

Criança

Sou no mundo uma mirrada flor
Avezita do teu ninho
Necessito do teu carinho, afago e amor
Se me deixares à toa, de tua desgraça serei o mal
Se tu, porém, me cultivares
Serei a luz do teu caminho

Hoy

Hoy quisiera escribir los poemas más lindos
Poder hablar de la alegría que tengo conmigo
Pero estoy muy cansado
He trabajado mucho
No hace falta
Expresso lo que siento
Por mi sonrisa
Aunque no sepa sonreír bellamente
La sinceridad se hace presente
Y ella me dice: te queda tranquilo
Las mejores palabras no son habladas
Se callan preciosas
Como perlas sagradas en algún rincón
Dentro del pecho.

For today

I had prepared myself to say the most beautiful poems
Express my inner feelings of happiness
But, sorry, I'm really tired
I've worked so hard
Well, it doesn't matter
I'll smile and say how I feel
Although I'm aware
My laugh isn't so pretty
Sincerity is here
I tells me to calm down
Precious words are not to be said
They hide themselves somewhere sacred
Into the heart.

Hoje

Hoje queria poder escrever os poemas mais lindos
Poder expressar a alegria que trago comigo
Mas estou muito cansado
Trabalhei demais

Mesmo assim, não importa
Sorrindo talvez,
Direi o que sinto
Embora saiba quão pálido
É o meu sorriso
Serei sincero
Côncio, enfim,
De que palavras de gratidão são silenciosas
Habitam, caladas, cada cantinho
Do coração.

O rapaz retirou o papel da velha máquina de datilografar. Leu os poemas que acabara de compor. Percebeu que *criança* não era bem um haikay, já que tinha mais de três versos e a métrica estava além do que esperava. O que seria o outro? Tentara escrever um soneto em três versões. Não conseguiu a rima, fez versos livres. Procurou a borracha, apagou a palavra *innest*, e corrigiu a grafia para *inner*, à mão, pois se lembrara que o superlativo desse adjetivo poderia ser *innermost* ou *inmost*, mas nenhum deles soaria bem no poema. Depois, ficou com séria dúvida se deixaria mesmo a palavra *laugh*, porque se fosse fiel à versão tanto do português como do espanhol, sorriso ou *sonrisa*, melhor seria *smile*. Deixou *laugh* mesmo, para não repetir o verbo. Estava muito angustiado naquele dia. Fez menção de embolar o papel, mas resolveu mostrar os poemas à secretária da escola.

Dona Rebeca endireitou os óculos. Pousou os olhos no papel. Riu, às gargalhadas. “O que você pensa que é? Poeta? Poliglota? O mundo não tem lugar para gente como você, não. Onde já se viu? Pensa que é gente? Vai quando para os Estados Unidos? Pra que você precisa estudar inglês?” Disse alguns outros desaforos, mas o rapaz não pôde mais ouvir. Embolou o papel, com muita vergonha, e o jogou no cesto de lixo. Tal foi a violência do gesto, contudo, que nunca mais o rapaz conseguiu esquecer os textos. Por muito tempo, também, não conseguiu escrever outro poema.

O ano de 1992 foi para o rapaz um rosário de humilhações como aquela. Havia completado vinte e um anos de idade e estava no último ano do segundo grau, terceiro do curso de magistério. Tinha sido colocado ali, como datilógrafo da escola, pela diretora que, com pena de sua situação, resolveu gratificá-lo, com uma quantia simbólica retirada de seu próprio salário. Dona Rebeca sabia disso. Mulher de ares aristocráticos, olhos azuis, esposa de um juiz aposentado, era secretária da escola, prestes a pedir a aposentadoria. Seu porte, seu jeito de vestir, seu perfume, em tudo se diferenciava do rapaz mal vestido que cursava o terceiro ano e dividia com ela, à noite, os afazeres de datilografia. O rapaz nunca conseguiu entender, contudo, a razão de tanta raiva mal contida, porque de um modo em geral ele era muito bem tratado e querido na escola. Afinal, alguns professores até pediam a ele para dar a aula desse ou daquele

assunto, quando não podiam comparecer à escola. Ele se alegrava por isso. Os colegas não só o aceitavam, como também o respeitavam muito. O rapaz parecia diferente. Estudava inglês e espanhol, gostava de filosofia, ia bem em ciências e em português, interessava-se por literatura, queria aprender matemática. Por outro lado, desmaiou algumas vezes, de fome, na escola. Estudava em baixo dos postes, tarde da noite, por não ter luz elétrica no casebre em que morava. Pulava o muro da escola, aos domingos, para estudar na biblioteca. De tudo isso Dona Rebeca sabia... Isso talvez explicasse o gesto rude, o fel das palavras, a raiva.

O dinheiro que ganhava da diretora para quase nada dava. Seis pessoas em casa, contando dois adultos, duas crianças e dois adolescentes. A mãe há muito tempo não conseguia trabalhar fora de casa. As crianças estudavam. Era dele, portanto, a responsabilidade pelo sustento de todos. Os dois anos anteriores até que foram mais amenos. Ele trabalhou de garçom, de cozinheiro, de vigilante e ainda atendia na loja de materiais de construção, do mesmo dono do restaurante, na praia de Guaibim. Foi nesse período também que a mãe fez uma grande loucura. Trocou o barraco em que moravam, na Rua do Matadouro, por um terreno na roça, lá pelos lados do Orobó, onde nunca foi morar porque não havia escolas para as crianças. O rapaz bateu o pé firme, exortou a mãe sobre a responsabilidade de deixar as crianças na escola. A mãe, contudo, pensava que a vida poderia ser melhor porque teriam onde plantar para comer. Puro desespero. Lá ficou o terreno, inútil. Cá ficou a família, agora sem ter onde morar.

O trabalho na praia rendia o suficiente ao menos para que todos comessem melhor. O patrão dizia gostar muito dele, mas ao fim de dois anos, justamente quando o rapaz tinha que fazer o estágio supervisionado do curso de magistério, isto é, ausentar-se mais do trabalho para dar aula em uma escola primária, o patrão disse que ele tinha que escolher. Já suportara demais; empregado dele se quisesse que estudasse à noite. Já não tinha que sair toda tarde? O patrão não contava todas as horas trabalhadas à noite, pela manhã e sobretudo em todos os fins de semana porque nos últimos dois anos o rapaz se movia entre a loja de materiais de construção e o restaurante. Sem contar que dormia no serviço, em um colchão no chão, junto à porta, porque o padrão tinha TOC, compulsão por vigilância, medo obsessivo de ser roubado. Em março daquele ano, quando as aulas estavam para começar, o rapaz arrumou os seus pertences: uma caixa com roupas e três de livros. Colocou-as no fundo do carro do patrão e seguiram para a cidade. Estava desempregado, justamente quando mais precisava de apoio.

O carro parou no pé da ladeira. Como tinha chovido à noite, os pneus deslizavam no barro molhado e o carro fazia muito barulho. O patrão pediu que ele mesmo retirasse as caixas do fundo do carro. Baixasse a lona depois. O rapaz deu um sorriso de canto de boca. Agradeceu ao padrão, pegou na mão dele e saiu. Retirou as caixas. Acenou mais uma vez. O carro fez a

manobra e sumiu na rua esburacada. O rapaz não resistiu. Abaixou-se. Sentou em uma das caixas de livros e chorou muito. Apesar de tudo, gostava do trabalho. O que iriam fazer agora? Com o dinheiro que trouxera mal daria para passar uma a duas semanas. Como comprar o material do estágio? Como pagar o aluguel do barraco que a família agora morava, na rua do Jambeiro? Recobrou o ânimo. Pegou a caixa de roupa, outra de livro. Segurou-as junto ao peito e começou a subir a ladeira. Os dois irmãos maiores o avistaram. Correram ao seu encontro e pegaram, uma cada um, as outras caixas de livros.

Mal entrou no barraco e Tião bateu na porta. Viu o rapaz subir com as caixas e veio cobrar o aluguel. Era o dono da casa onde agora a família morava. O aluguel venceria no dia seguinte, mas ele tinha que “pagar umas dívidas”. A mãe fez um aceno silencioso, com a cabeça, para que o rapaz pagasse. Meteu a mão no bolso, separou a quantia e entregou ao dono do barraco. Quando saiu, a mãe explicou que morria de medo do Tião, pois sabia que era usuário de drogas e que devia “aos caras”. Com certeza o dinheiro do aluguel serviria para isso. Achava também que o Tião já tinha “crimes nas costas”. A casa, esse termo nem era mesmo o mais adequado, ficava no alto de uma ladeira. Aliás, todas as casas do bairro do Jambeiro, uma favela antiga da cidade, ficavam em uma ladeira, a não ser as da rua principal. Era uma rua reta e comprida, muito grande, na parte de baixo, de onde saíam várias outras ruas, enladeiradas, de casas de taipa, antigas, ou de barracos de tábuas, mais recentes. A família morava numa das ruas do fim do bairro, a poucos metros de uma das entradas da cidade.

Por causa do telhado baixo, de amianto da Eternit, o rapaz tinha que se mover dentro do barraco de cabeça baixa. Um incômodo a mais, além dos três outros que atormentavam o rapaz: o calor insuportável nos dias de sol, as nuvens de muriçocas à noite e o mal-cheiro da fossa aberta, no fundo da casa, onde a família fazia as suas necessidades, em um cercado de lona plástica, preta e quase em farrapos, em cima de dois troncos de madeira. As seis pessoas mal cabiam naquele barraco de apenas três cômodos minúsculos. Por isso, quando todos estavam em casa, pelo menos dois ficavam na parte de fora, na frente da casa, onde a mãe puxou um telhado improvisado, telhas de cerâmica, e fez uma mesa, quatro varas enfiadas na terra, tábuas em cima e troncos para sentar. Era ali que o rapaz costumava estudar, favorecido pela claridade do poste, da eletricidade que felizmente já passava, ladeira acima, na sua rua. Ali também era mais fresco à noite e as muriçocas incomodavam menos.

Ainda na manhã daquele dia um dos irmãos maiores ensinou ao rapaz o caminho da fonte. Se a eletricidade mal atendia aquele bairro, o abastecimento de água era também um problema pungente. A fonte ficava do outro lado da pista, na entrada do Candengo, a poucos quilômetros da casa da família. Era uma zona baixa, perto de uma mata fechada. Uma rua antiga,

de poucas casas de barro, formava uma viela curta, no caminho da fonte. A água saía da mata por uma calha de bambu enfiada no meio de duas pedras grandes. Mais abaixo, um poço cavado fundo estava rodeado por grandes pedras, onde muitas mulheres disputavam espaço para lavar e estender as roupas, por sobre as pedras ou nos arbustos, à frente. Havia muitas crianças também, algumas nuas, outras com roupas molhadas, banhando-se na beirada do poço. O rapaz deu bom dia. As mulheres olharam para ele, curiosas. Não responderam ao cumprimento. Conversaram entre si e continuaram a olhar para o rapaz. Quando passou ele pôde ouvir, de uma delas, o resto de uma conversa: “... o que trabalha no Guaibim, o que estuda pra professor”. Quando o balde encheu, o rapaz ia colocá-lo na cabeça, mas se assustou com um movimento que veio de dentro do mato, na direção da nascente d’água. Um menino, um pouco maior que os que brincavam, levantou-se do mato, pegou folhas de uma planta e começou a se limpar. O rapaz colocou novamente o balde no chão. Olhou melhor em volta e percebeu que era ali, na mesma fonte onde todos pegavam água para beber e onde lavavam as roupas sujas, que as crianças depositavam seus dejetos fisiológicos, com tanta naturalidade quando comiam as bananas, cujas cascas também sujavam a fonte.

Foi também numa quarta-feira, agosto daquele ano. Dali a dois dias o rapaz completaria os 21 anos de idade. O estágio supervisionado já estava bem adiantado. O rapaz escolhera a quarta série, a mais adequada aos seus interesses. De um modo geral os estagiários fugiam das turmas da quarta-série, por serem “as mais puxadas”. Os colegas fizeram “uma vaquinha” e lhe deram de presente o material do estágio. Os professores o presentearam com caixas de lápis e borrachas, lembrancinhas para os alunos. Ele mesmo preparou, com isopor, hidrocor e papel camurça, os bichinhos a serem colados nas borrachas dos lápis. O caderno de estágio foi decorado por Telma, colega de muitos talentos manuais. Magaly enfeitou o flanelógrafo. Ao chegar a casa, em torno de meio dia e meia, correu para a fonte para pegar água para o banho. Já arrumado para a aula da tarde, verificou as anotações do caderno: prova de Metodologia dos Estudos Sociais e de Didática, ambas da Profa. Rosa Palma. Ela marcara as duas provas para o mesmo dia. Tinha que revisar os assuntos. O calor do meio dia, o telhado baixo de amianto e o cheiro que vinha da fossa perturbaram ainda mais a sua concentração. O rapaz não comia de direito há alguns dias. Quatro ou cinco semanas passadas ele recebeu uma cesta básica, presente de dois amigos que trabalhavam na Maricultura. Juntaram-se e compraram os mantimentos. Sabiam de sua situação, embora achassem que foi loucura deixar o emprego para estudar. Ele agradeceu, entre feliz pela ajuda e humilhado. Sabiam, contudo, que ele não era preguiçoso, embora muitos o acusassem disso. “Esse negócio de estudo é pra rico. Bota esse preguiçoso pra

trabalhar, Dona”. Gritavam alguns vizinhos quando passavam e viam o rapaz sentado na frente da casa, livro aberto na tarimba, lápis na mão.

Logo no início do ano letivo, no mês de março, o rapaz foi à Diretoria Regional de Educação. Falou com o superintendente da merenda escolar, que o atendeu com amabilidade. Tinha sido seu professor no primeiro ano de magistério. Ele disse que não podia ajudar muito. A merenda escolar era controlada, que fosse conversar com a gerente. Esta, depois de fazê-lo esperar por horas, na secretaria, o atendeu rápida e secamente. Disse que ali não era casa de caridade, que trabalhasse para sustentar a família. Naquela quarta-feira, à fome e à agonia do ambiente se juntou certo sentimento de profunda vergonha e humilhação. Ressentimento igual aquele ele só sentira uma única vez: quando, vendendo salgados em uma festa de largo, teve que correr de um grupo de malandros que se juntaram para tomar o dinheiro da venda. Sorte que outro grupo também se juntara para o defender, dizendo que ele morava “em suas quebradas”, “gente sua”. “Mexer com ele era mexer com a turma toda”. Ele agradeceu, mas saiu da festa às pressas. Na correria, a calça que a mãe dele tinha comprado no camelô, em dias anteriores à festa, abriu-se literalmente em banda. Riram muito dele. Teve que voltar para casa com o corpo todo à mostra. Cuecas, naquele tempo, não eram coisas de menino pobre.

O rapaz não suportou o calor. Recolheu os livros. Tirou o papelão de cima da tábua em que dormia, pés para fora, no quarto apertado. Deitou-se à sobra de um dendezeiro, a alguns metros acima de sua casa. Abriu o livro de Didática para revisar os assuntos da prova, leu o texto de Paulo Freire mais uma vez. Adormeceu por um instante. Acordou assustado com a voz do irmão perguntando se não iria para a aula. Já estava na hora de descer a ladeira. Agradeceu ao irmão. Ficou pensativo. Que tormenta tinha sido a sua vida até então! Por quantos percalços ainda teria que passar para estudar? Quanta fome ainda teria que suportar? Até quando? Prometeu a si mesmo que aquele seria o último ano... Em 1993, já formado, com certeza as coisas melhorariam. Refez os ânimos. Levantou-se. Deixou o papelão em casa e desceu para a escola. Fez as provas seguidas, em poucos minutos. Tirou dez em Didática, nove inteiros e oito décimos em Metodologia dos Estudos Sociais.

5. A FORMATURA: INÍCIO DA REDENÇÃO

As pessoas se apertavam no largo da igreja do Amparo. Todas as cadeiras estavam ocupadas, muita gente em pé até nas escadarias laterais: familiares, amigos, convidados e curiosos.

A Diretora já estava assinando os canudos. Fez questão de chamar, nominalmente, os 92 formandos de Magistério naquele fim de dezembro de 1992. O rapaz foi o primeiro a receber o “diploma”, pela ordem alfabética e por ser também o que se dirigiria à tribuna por ter sido escolhido o orador da turma. A agonia daquele ano finalmente tinha chegado ao fim. Os olhos fundos em um rosto seco. A magreza extrema o tinha deixado com um aspecto doentio. A roupa de formatura mal conseguia esconder a fraqueza das pernas. O rapaz convidou a sua madrinha de batismo para ser também a sua madrinha de formatura. Com ela ele subiu as escadas da frente e entrou de braços dados no largo da igreja, o primeiro da fila.

A vista escureceu diante de tanta gente. Vacilou. Quando recobrou a força, adiantou os passos porque a fila estava longa atrás de si. Apesar de tudo, ele estava muito feliz. Contou, mais uma vez, com a solidariedade dos colegas que lhe compraram o pano rosa da calça, da faixa e da gravata. A camisa branca de mangas compridas lhe foi dado de presente por uma das filhas de Dona Lourdes. Trabalhou de garçom em três ou quatro festas sociais para comprar os sapatos pretos. A esposa do irmão mais velho fez a costura, satisfeita e gabosa de ajudar o cunhado, professor formado. A alegria daquele momento, no entanto, foi tisonada, mais uma vez, por mais um sentimento de humilhação. Quando passava rente ao coreto, ouviu uma voz rouca, mas nítida: “até esse negão desgraçado vais se formar?” Olhou para o lado, alarmado, não pelo sentido, mas pela forma, pela desarmonia, pela entonação raivosa com que as palavras foram proferidas. Foi como um punhal que se cravou em seu peito. Quem havia dito aquelas palavras, no entanto, foi um rapaz, negro e alto como ele, cabelos revoltos, mal vestido. Era outro preto e talvez miserável, impossibilitado de ocupar aquele lugar de formando, despeitado por tanta honraria a um seu semelhante.

Quando ocupou a tribuna para o discurso de formatura, no entanto, esqueceu a humilhação, a dor, a fome e foi só oratória. Esqueceu também o papel com as anotações e falou com todo o corpo e alma, sem improviso: “Senhoras e senhores, familiares e convidados, autoridades presentes, queridos professores, estimados colegas formandos, boa noite...” Depois das saudações iniciais, caminhou com Antoine de Saint-Exupéry pelos pequenos planetas, asteróides e sóis e comparou o percurso do estudante de Magistério aos encontros e desencontros do Pequeno Príncipe. Terminou dizendo que o professor é também responsável, para sempre, pelos alunos que consegue cativar. Por fim, com voz contrita, olhos e mãos para o alto, proferiu uma sincera oração de agradecimento a Deus: “Muito obrigado, Senhor, pela graça deste momento, por tudo que fizemos até aqui e pelos caminhos que ainda temos a percorrer... Muito obrigado, Senhor, muito obrigado, senhores! ”. O público o aplaudiu de pé, vezes seguidas e por muitos minutos. Talvez as pessoas não esperassem que daquele rapaz cuja história de

dificuldades já havia se tornado uma lenda na cidade, apesar das boas notas, pudesse sair um discurso tão eloquente. Formaram uma fila quase interminável para cumprimentá-lo. Muitos o beijaram no rosto, outros choraram, emocionados, quando se aproximaram dele.

Aquele discurso de formatura foi o início de sua redenção. A pedra final colocada sobre o calvário. A rádio local deu notícia sobre a formatura e sobre o discurso do orador. Um médico e um dentista, cujas filhas estavam entre os formandos, em um programa de entrevista, foram unânimes no elogio à peça de oratória. O rapaz virou o assunto do momento. Tinha conseguido seus minutos de fama. Boa parte da classe média da cidade, de certa forma, esteve presente ou representada no adro da igreja do Amparo. Coursar o magistério, curso diurno, era um privilégio, ainda escolhido pelas meninas da alta classe social da cidade. Escolas particulares de ensino médio só havia duas na ocasião, ainda assim sem muitas turmas. Por isso mesmo, dois dias depois da formatura, pela manhã, o rapaz foi procurado, em casa, por um conhecido professor de Matemática, negro e alto como ele, vice-diretor de uma das escolas particulares, frequentada pela “elite da cidade”. A diretora gostaria de conhecê-lo, tinha uma proposta para ele. Era o início de sua redenção.